

**TENDÊNCIAS DA SELETIVIDADE MARITAL
POR EDUCAÇÃO NO BRASIL (1960-2010)**

Weverthon Barbosa Machado

IESP/UERJ

Resumo*

A seletividade marital – em outras palavras, a formação não aleatória de casais – há muito interessa os estudiosos das desigualdades. Os padrões de casamento entre grupos sociais, definidos por educação, classe, cor, religião ou outras características, revelam o fechamento ou a fluidez de uma sociedade, pelo menos na dimensão das relações interpessoais. Além disso, a seletividade marital pode contribuir para concentrar ou dispersar recursos – renda, riqueza, capital cultural, redes sociais – entre as famílias e é um dos mecanismos que determinam as origens sociais das próximas gerações. A educação é especialmente relevante, e objeto frequente de investigação empírica, porque está associada tanto às preferências individuais na escolha de parceiros quanto às oportunidades de interação social ao longo do curso de vida. Utilizando os Censos de 1960 a 2010, este trabalho atualiza e amplia o conhecimento sobre as tendências da seletividade marital por educação no Brasil. As tendências nos casamentos são analisadas através de estatísticas descritivas e de modelos log-lineares que estimam as chances de homogamia geral, homogamia por grupos educacionais e de cruzar barreiras educacionais.

Após quatro décadas de queda, a proporção de uniões em que os cônjuges têm o mesmo nível educacional cresceu no Brasil entre 2000 e 2010. Isso aconteceu porque aumentou a propensão geral à homogamia, medida pelas chances líquidas derivadas de modelos log-lineares. De forma geral, o mercado matrimonial brasileiro se tornou, ao longo das cinco décadas estudadas, significativamente mais fluído na base da hierarquia

* O paper completo pode ser obtido diretamente com o autor: weverthonmachado@gmail.com.

educacional, com forte diminuição da propensão à homogamia no grupo com até 3 anos de estudo e enfraquecimento das duas primeiras barreiras educacionais ao casamento. Esses movimentos na base, entretanto, não foram suficientes para sustentar a tendência de queda da homogamia depois de 2000.

Depois de 2000, alterou-se o balanço entre as tendências divergentes nos vários pontos da distribuição educacional. O aumento da homogamia entre os mais escolarizados e o enrijecimento das duas últimas barreiras ao casamento já vinham ocorrendo há bastante tempo, mas eram compensados pelo aumento de fluidez entre os níveis educacionais mais baixos. A própria expansão educacional pode ter invertido o sinal de seu efeito líquido ao longo do tempo. A princípio, ela teve o efeito de tornar a distribuição de escolaridade mais heterogênea, o que favoreceu a queda da homogamia, mas enquanto o crescimento se concentrou nos primeiros níveis de escolaridade – que coincidem, em geral, com a infância e o início da adolescência – sua influência nas oportunidades de interação entre potenciais cônjuges era limitada. À medida que a expansão alcançou os níveis Médio e Superior, a conexão entre o sistema educacional e a seletividade marital pode ter se tornado mais forte, pois é mais provável que, comparadas com escolas primárias, as escolas de Ensino Médio, faculdades e universidades funcionem como mercados matrimoniais locais e que as redes sociais estabelecidas por jovens adultos sejam mais duradouras.